



LIBERDA...

INFORMATIVO DO CIRCULO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
PARTICIPAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL/SP - C. P. 2066 - CEP 01060-970 - SP/SP

ESPAÑHA: REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO

Em outubro de 1868, Giuseppe Fanelli, internacionalista antiautoritário, companheiro e amigo de Bakunin, chegou à Espanha para divulgar os ideais ácratas. Trinta e dois anos depois, Anselmo Lorenzo narraria, em suas memórias: "Fanelli nos expôs sua doutrina durante três ou quatro noites. Conversava conosco durante os passeios ou nos cafés. Além disso, deu-nos os estatutos da Internacional, o programa da Aliança dos Democratas Socialistas e alguns números de *O Sino*, com artigos e discursos de Bakunin. Antes de se despedir, pediu-nos para posar com ele numa foto, na qual aparece no centro."

Mas nem mesmo Fanelli, por maior que fosse o seu otimismo revolucionário, poderia supor que a semente da revolução social encontraria um solo tão fértil nos corações e mentes dos trabalhadores espanhóis. Já no seu primeiro congresso, em 1870, o movimento proletário espanhol decidiu-se por Bakunin, contra Marx. Dois anos mais tarde, em Córdoba, a Federação Anarquista contava com 45.000 membros ativos.



Em 16 de julho de 1936, o democrata Casares Quiroga, Presidente do Gabinete recebeu um comunicado, em nota confidencial, segundo o qual o levante militar, há muito planejado, rebentaria em Marrocos, na manhã seguinte. Ele reagiu com um trocadilho debochado: "Então, os militares vão se levantar? Pois bem, eles que se levantem... Eu vou me deitar."

Hoje, quando recordamos os 60 anos da Revolução Social espanhola, sobretudo é preciso lembrar o heroísmo de um proletariado que combateu e foi derrotado pela mais torpe coligação de interesses jamais surgida: entre os fascismos já existentes, as democracias imperialistas, a covarde e omissa social-democracia, o capitalismo de estado bolchevique e o Vaticano, cujo apoio à contra-revolução não se limitou à benção dos canhões.

FRANCISCO ASCASO

A "carinha" que desta vez ocupa o nosso cabeçalho é a do militante anarquista espanhol Francisco Ascaso. Juntamente com Durruti, Jover e Oliver atuou intensamente na luta libertária durante as décadas de 20 e 30, combatendo o governo, a direita e o clero. Construiu a Revolução e não chegou a vê-la concretizada. Morreu nas ruas de Barcelona durante o cerco a um quartel fascista, no dia 19 de julho de 1936.

**"A VITÓRIA PERTENCERÁ AOS QUE SOBEREM
PROVOCAR A DESORDEM SEM A AMAR" Guy Debord**

AS BOCAS

A BARRICADA COMO ESTRUTURA REVOLUCIONÁRIA



Com exceção de uns poucos - aliás, militantes da CNT - os historiadores não se detiveram a refletir sobre o acontecido em Barcelona, nas primeiras horas do dia 19 de julho de 1936.

A explicação que dão para o ocorrido não pode, é claro, ignorar a presença dos anarquistas e da CNT. Inclusive, referem-se elogiosamente à sua generosidade, ao seu entusiasmo e à "heróica espontaneidade desses pobres trabalhadores desarmados". Mas nem sequer uma, uma só concessão à clarividência do proletariado revolucionário.

Uma reflexão objetiva sobre os fatos permite detectar algo mais, que merece, além de um reconhecimento moral, um estudo em profundidade, isto é: tático, estratégico e estrutural.

Em primeiro lugar, somente uma distorção intencional da realidade permite afirmar que a derrota dos militares não teria acontecido sem a intervenção da Guarda civil e outras forças da ordem. Tal afirmação não resiste à mais superficial das análises.

Efetivamente, o poder de fogo era de 10 para 1, em favor dos milicos. As deserções de Darnell (capitão da Guarda de Assalto) e do comandante Recas (da Guar-

da Civil), com suas respectivas unidades, reforçavam a contra-revolução. É importante lembrar que a Guarda Civil só interveio em favor do governo (Generalitat) às duas horas da tarde, quando a vitória dos trabalhadores era inevitável.

O poder de fogo dos militares golpistas somente poderia ser anulado por um fator estrutural, neutralizador e desagregador. A consigna dos Comitês de Defesa da CNT e da FAI era: "Não impedir a saída dos militares de seus quartéis."

De fato, os militares saem às 4h45min da madrugada, de sete quartéis diferentes, com o objetivo de ocupar os pontos nevralgicos da cidade: emissoras de rádio, telefônica, porto, ruas e cruzamentos importantes, prédios estratégicos... Nos primeiros momentos, avançam sem maiores dificuldades, mas já começam a ser fustigados pela resistência operária, em meio ao ruído ensurdecedor dos apitos das fábricas e dos barcos. Era o alarma, previamente decidido pela CNT.

Nenhuma linha de fogo teria conseguido parar os milicos. Mas, tão logo começa o dia, surgem as barricadas e os golpistas não podem mais avançar. Quando, às 7h30min, algumas unidades tentam regressar aos quartéis, descobrem que já não podem recuar. Os golpistas estão cercados por todos os lados.

Às oito horas, mais de 1.000 barricadas já foram levantadas em Barcelona. Um novo organismo surgiu: a Barricada. Cada barricada nomeia um delegado. Os delegados das diversas barricadas de cada bairro formam o comitê de bairro.

A barricada é a estrutura que asfixia os militares (idêntico método será empregado na defesa de Madri, frente à ofensiva do exército de Franco). Às oito da manhã, tudo estava decidido: os militares encurralados, em núcleos isolados, as comunicações cortadas e sem coordenação. A vitória do povo em armas é só uma questão de horas. Mas não como fruto da espontaneidade, e sim da clarividência revolucionária dos trabalhadores.

Luis Andres Edo

Traduzido de "La Revolución sin Fronteras" - suplemento de *Solidaridad Obrera* - nº 1, 19 de julio de 1986.

AVANÇO ou RETROCESSO

Os trabalhadores na América do Norte, Europa e outras partes do mundo progrediram muito entre 1900 e 1950. Nós progredimos porque organizamos sindicatos e, através desses sindicatos, conquistamos progressos. Nós reduzimos a jornada de trabalho, aumentamos o salário, reivindicamos medidas de segurança e saúde, e restringimos a opressão patronal.

Entre 1950 e 1978, algum progresso foi conseguido quanto à não-discriminação dos trabalhadores negros e das trabalhadoras. Mas, a partir daí, os trabalhadores vêm perdendo espaço com redução de salários, diminuição do número de vagas, declínio das normas de segurança, aceleração da produção, maiores jornadas, etc.

Nossa resposta tem que ser, novamente, organizar sindicatos e através desses sindicatos exigir progressos. Mas a forma de progredir em 1996 é diferente da que foi em 1930. Mudaram, tanto os problemas como as oportunidades.

A grande diferença está em que a produção industrial capitalista emprega cada vez menos trabalhadores, em geral com contratos de trabalho temporário. Assim, o patrão pode nos dispensar sem qualquer aviso ou compensação.

Os capitalistas estão usando seu capital (aquele que nós criamos), mas ao invés de pagar salários, estão comprando máquinas para executar os trabalhos. Capitalistas que precisam de trabalhadores industriais estão investindo em países menos desenvolvidos onde vasto número de escravos assalariados, desesperados, estão prontos a aceitar qualquer emprego.

Os patrões nos tiranizam porque estamos desesperadamente competindo por poucas vagas. "Desesperado" é aqui a palavra-chave. Estão nos submetendo a abusos e más condições de trabalho, porque, se não trabalharmos, não teremos nenhuma garantia de alimentação ou abrigo. Milhões de trabalhadores instruídos e qualificados estão dormindo nas ruas e se alimentando do que catam em latas de lixo.

Neste século, a produção por trabalhador foi multiplicada por 100 e há muita riqueza, suficiente para todos. A questão é: como tomarmos essa riqueza das mãos dos patrões e a entregarmos para aqueles que dela precisam?

Lado a lado como o fato de muitos trabalhadores estarem ociosos e sem meios de vida, existe um outro problema. Nossas comunidades estão crescendo sem serviços básicos. Casas estão caindo, doentes e idosos são negligenciados. Jovens não têm saída produtiva para suas energias e voltam-se para

saídas destrutivas. Há falta de transporte, educação e informação para o povo. Há fome no meio da abundância. Multidões de desempregados são impedidos, pelo sistema capitalista, de fazer o trabalho que precisa ser feito.

Para resolver isto, precisamos construir diferentes tipos de sindicatos. Sindicatos que organizem todos os trabalhadores, independentemente de onde morem, se estão ou não empregados. Precisamos lutar por jornadas muito menores de forma que possamos colher os frutos do aumento de produtividade, ao invés de entregá-los aos patrões, que os utilizam como arma para nos fazer competir uns contra os outros, trabalhando cada vez mais e recebendo cada vez menos. A jornada de quatro horas não é uma reivindicação utópica, é uma necessidade urgente.

Precisamos organizar uma autêntica solidariedade internacional da classe operária - não apenas para reconhecer, mas par

viver o princípio "Prejudicou um, prejudicou todos". Se as vagas estão sendo embarcadas para além-mar, precisamos segui-las e ajudar nossos companheiros trabalhadores, para que se organizem e conquistem melhores condições. Ajudando-os estamos nos ajudando.

Mas, antes de tudo, precisamos organizar nossa força e exercê-la, de forma que possa

colocar um fim neste sistema econômico onde prosperidade significa miséria e desespero para aqueles que criaram a riqueza da sociedade, e onde necessidades sociais básicas permanecem desatendidas porque não geram lucro. Precisamos nos apropriar dos meios de produção, e operá-los para atender às necessidades da maioria: os trabalhadores.

Podemos nos sentar e esperar os patrões nos conduzirem de volta à mais brutal escravidão. Mas também podemos nos organizar e lutar para construir um futuro melhor.

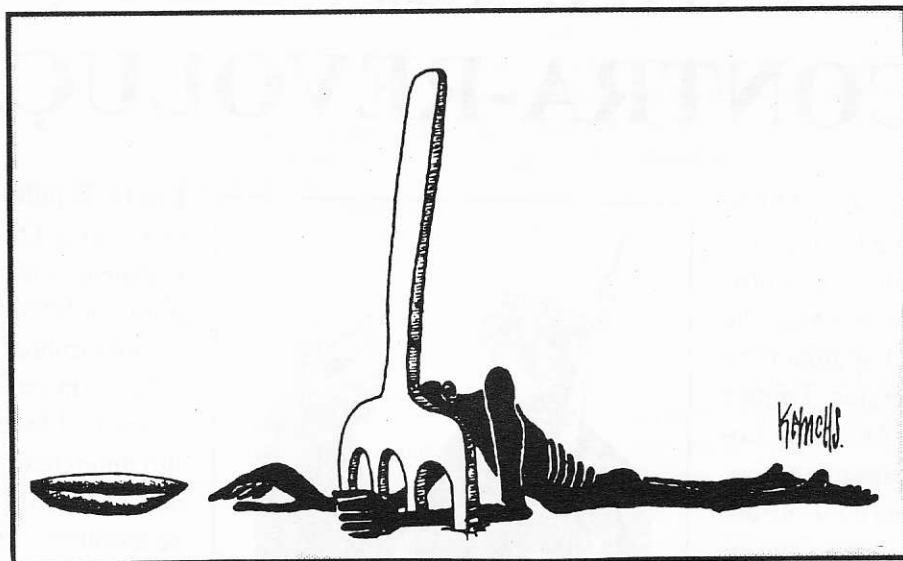
Livremente traduzido de *Industrial Worker* (órgão da I. W. W.) nº 1590 maio de 1996.

Assinatura semestral de apoio (R\$ 7,00); pacote de 10 Liberas (R\$ 2,00); adesivo contra a pena de morte (R\$ 1,00); revista *Utopia*, nº 4 e 5 (R\$ 2,00 - cada); livros (solicite tabela).

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o CELIP (também aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal a Renato).

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CELIP.



K. R. A. : COLETIVO DE RESISTÊNCIA ANTIAUTORITÁRIA - 5 ANOS DE LUTA

O K. R. A. é um coletivo autônomo anarquista, formado há cinco anos, cujo objetivo é impulsionar e estender as práticas sociais de luta por uma sociedade livre e igualitária. Desde o primeiro momento, estamos coordenados em *Lucha Autônoma*.

Nossa atuação é múltipla. Divulgamos nossas reivindicações e consignas, mediante grafites, cartazes, boletins, panfletos, etc. Realizamos diferentes atividades: palestras, debates, projeção de vídeos, além de convocar e organizar manifestações.

O K. R. A. transmite semanalmente o programa de rádio denominado *Golpe al Estado*, na emissora Onda Latina. Em 1992, nasceu uma revista, com o mesmo nome do programa radiofônico e tiragem de 500 exemplares no seu número zero. Com o número 1, publicado em 1995, e cuja tiragem foi de 1000 exemplares de mais de 60 páginas, a distribuição foi ampliada e decidimos regularizar sua periodicidade. Todas as quintas-feiras, montamos uma distribuidora de contra-informações, com livros, jogos e material alternativo diverso, no Centro de Cultura Popular *El Barrio*.

Ocupamos sete casas e sofremos cinco despejos policiais, com intervenção de tropas de choque e outros aparatos repressivos do estado. A penúltima ocupação já está consolidada e se mantém há mais de dois anos, mas só tem funcionado como centro de cultura popular nos últimos seis meses.

Toda atividade do K. R. A. é previamente discutida e aprovada em assembléia semanal, que acontece todos os domingos.

A NECESSIDADE DE SE ORGANIZAR

O capitalismo domina o mundo, destrói a natureza e rebaixa a dignidade humana. Tendo perdido o sentido de nossas vidas, só nos restaria a alienação da sobrevivência, na qual o capital decide por nós, programando-nos e nos teleguiando através de dispositivos econômicos, políticos e ideológicos, que atuam extraindo o máximo possível de lucros e privilégios para uma cada vez mais reduzida oligarquia de exploradores e parasitas.

Em cada país, seja pobre ou rico, acentua-se a desigualdade entre a imensa maioria de famintos e a insolente minoria de esbanjadores. No entanto, os recursos do mundo são mais do que suficientes para que toda a humanidade viva com dignidade e sem desperdícios.

Porque o capitalismo significa injustiça social e degradação natural, temos que acabar com ele se quisermos construir uma sociedade livre e igualitária, sem exploradores nem explorados.

Já dura muitos anos a luta contra a dominação capitalista. A situação em que estivemos mais próximos da Revolução Social vitoriosa foi na Espanha, em 1936, com o funcionamento das coletividades e as fábricas sob gestão operária. Mas os revolucionários foram vencidos, pelo inimigo de classe (fascismo) e pelos "companheiros" autoritários (democratas burgueses e stalinistas). O capitalismo tem sobrevivido, inclusive - sob a forma burocrática e estatal - nos países impropriamente chamados socialistas ou comunistas (China, Cuba, Vietnã, Coréia do Norte...). Só há uma maneira de transformar radicalmente a sociedade: a organização de todos os explorados e oprimidos com vistas à sua auto-emancipação revolucionária.

Luta Autônoma é uma coordenação de coletivos autônomos de Madri, grupos afins de diferentes bairros que se uniram para aumentar sua força, apoiando-se mutuamente nas ações e campanhas, sempre rechaçando os partidos políticos de qualquer ideologia (direita ou esquerda do capital) e funcionando de forma assembleária. A coordenação L. A. realiza uma reunião semanal e com mudança de local, aos sábados, para os delegados de cada grupo ou coletivo. Compõem a Luta Autônoma, atualmente: Coletivo Autônomo de Tetuan, KAOS, Autônomos Móstoles, Boletim de Contra-Informação MOLOTOV e UPA - Agência de Contra-Informação, Luta Autônoma Universidade, Luta Autônoma Ensino Médio, Coletivo Antifascista e o Coletivo de Resistência Antiautoritária.

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20060-070. RIO DE JANEIRO /RJ * MUTIRÃO. CP 126049. CEP 24240-970. NITERÓI/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/S * ANA. CP 78. CEP 11510-970. CUBATÃO/SP * GRAVIDA. CP 3395. CEP 82001-970. CURITIBA/PR * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * CCL/OSL. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11051-970. SANTOS/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * COB. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * UNI-LIVRE/OSL. CP 03668. CEP 70084-970. BRÁSILIA/DF * COLETIVO LIBERTÁRIO. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * FAG. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS.



NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

Rio Grande do Sul: Foi realizado, entre os dias 6 e 7 de julho, na cidade de Porto Alegre, o I Congresso da Federação Anarquista Gaúcha. Lançado novo número do *Fungo Urbano*, informativo do Movimento Anarco-Punk / Juventude Libertária de São Leopoldo (CP 188, CEP 93001-970; São Leopoldo/RS)

Foz do Iguaçu: Lançado pelo companheiro Nilson Brecher o livro *Anarco-Comunitarismo - Célula da Nova Sociedade*. O livro é uma reflexão sobre o anarco-comunitarismo a partir das experiências concretas em diversos setores que o grupo *Ação Coletiva* pratica na cidade, inclusive já se iniciaram os trabalhos em uma chácara no Paraguai, cedida em comodato por um filho de Leonel Brizola. O preço de venda é R\$5,00 e os pedidos devem ser feitos para *Ação Coletiva* (CP 230, CEP 85851-970, Foz do Iguaçu/PR). **Pará:** A *Organização Socialista Libertária* (OSL) esteve presente na 2ª Caravana de solidariedade aos sem-terra assentados na Fazenda Macaxeira, local onde ocorreu o massacre de 19 trabalhadores rurais. A OSL distribuiu uma carta aberta se solidarizando com a luta pela terra e participou ativamente da assembléia geral, afirmando que o método de luta é a ação direta e a forma de organização, a autogestão. Maiores informações, escrevam para a OSL (CP 126; CEP 66017-970; Belém/PA).

Rio de Janeiro: Realizada no dia 30 de julho, sob o patrocínio do CELIP, uma palestra de José Carlos Orsi Morel (*Centro de Cultura Social/SP*), para comemorar os 60 anos da Revolução Espanhola. A palestra, com o título "O que está vivo e o que está morto na Revolução Espanhola", foi proferida no Auditório 106 do IFCS/UFRJ. **Novo grupo:** O *Grupo Anarquista de Estudos Sociais* (GAES) é um grupo de leitura e debate que pretende desenvolver concepções libertárias acerca da sociedade e propagar o anarquismo (CP 100847; CEP 24001-970; Niterói/RJ). § Fundado o *Coletivo Anarco-Libertário* (CAL), que já está envolvido na luta contra o racismo, a homofobia e demais preconceitos que impedem a evolução do ser humano (CP105; CEP 13560-970; São Carlos/SP).

Utopia: Recebemos de Portugal alguns exemplares do terceiro número da revista *Utopia*, editada pela *Associação Cultural A Vida* (Apartado 2537 - P 1113 Lisboa Codex; Portugal). São 128 páginas, matérias muito interessantes e uma capa linda por apenas R\$ 13,00. Garanta já o seu e compre também o nº 2 pelo mesmo preço. **Chile:** Os companheiros dos grupos pro-AIT (*Associação Internacional dos Trabalhadores*) de Concepción estão em luta apoiando os mineiros de carvão de *Lota* e *Coronel*, em greve contra as demissões e o fechamento das minas. Os trabalhadores ocuparam a mina e suas instalações, fecharam estradas e receberam a solidariedade ativa dos mineiros de regiões carboníferas próximas. A AIT pede ações de apoio urgentes, como atos em frente a consulados do Chile, notas de protesto e cartas à Embaixada do Chile (SES - Lt. 11; CEP 70407-900; Brasília/DF). Maiores informações com a ANA (*Agência de Notícias Anarquistas* - CP 78; CEP 11510-970; Cubatão/SP).

...AMORE MIO